

Vinte e sete de setembro de 2012. Vinte e sete de setembro de 1810. Duzentos e dois anos depois, a grande produção cinematográfica *As Linhas de Wellington*, que hoje se estreia nas salas nacionais, evoca os dias que se seguiram à batalha do Buçaco, durante a terceira invasão napoleónica. Viagem a um mundo esquecido que importa recuperar

POR LUÍS ALMEIDA MARTINS

No princípio era a morte. Corpos fardados de azul, vermelho ou castanho estendidos no solo, dispersos por entre o granito e as urzes, sob a chuva pesada e vertical. Se o cinema tivesse banda olfativa cheiraria a pólvora; mesmo assim, transmite a sensação térmica do arpejo. Uma guerra estrangeira e abstrata? Pelo contrário, um apocalipse que passou por nós numa data ainda não remota. É desta forma que principia o filme *As Linhas de Wellington*, produzido por Paulo Branco, realizado por Raul Ruiz e rodado pela viúva deste, Valeria Sarmiento, uma viagem iniciática ao Portugal de há 200 anos, à época em que o Antigo Regime de monarquia absoluta estrebuchava e em que as ideologias redentoras despontavam prometendo os eternos e sempre adiados amanhã que cantam.

Infelizmente, muitos portugueses sentir-se-ão um pouco perdidos ao olharem para as imagens da fita. Um País que do passado apenas conhece vagamente «a gesta dos descobrimentos» é como alguém que perdeu a memória, e não pode por isso ter autoestima.

É pois urgente saber que os mortos e moribundos que ali jazem entre as giestas, ao amanhecer de 28 de setembro de 1810, eram as quase seis mil vítimas de uma das maiores batalhas travadas em solo nacional: a do Buçaco. De um lado ingleses e portugueses, do outro franceses e também muitos portugueses (além de soldados de outras nacionalidades). Confuso? Nem tanto. A época napoleónica, cenário deste drama poliédrico, marca ▶

As linhas da história



Êxodo interior

O filme recria a deslocação das populações do Centro do País para Lisboa. À direita: Masséna em frente das Linhas de Torres Vedras



► o dealbar das paixões político-sociais, e se havia portugueses de ambos os lados era porque se morria por paixão – a de uns à pátria, a de outros ao ideal. A pátria era conservadora e imobilista, o ideal era revolucionário, herdeiro da ainda recente Revolução Francesa.

Aqui, é necessário recuar alguns anos.

'Allons enfants'

Desde 1789 desenrolava-se o mais demolidor dos processos revolucionários: a Revolução Francesa. A monarquia dos Bourbons fora deposta, o rei e a rainha guilhotinados, a República instaurada, o calendário alterado, a religião refundada, os exércitos invasores estrangeiros (incluindo o português) derrotados ao som d'*A Marselhesa* e do *Ça Ira*. Para o povo, chegara *le jour de gloire*. Mas os plebeus ricos, que à luz do *Ancien Régime* também eram povo, depressa haveriam de tomar nas mãos as rédeas do processo, e após uns anos de indefinição depositaram a sua confiança num jovem general vocacionado para as vitórias que se fez nomear cônsul e depois coroar imperador: Napoleão Bonaparte.

Em 1806 Napoleão mandava na Europa, mas a poderosa esquadra britânica impedia-o de estender o domínio da França a outros continentes. A catastrófica derrota na batalha naval de Trafalgar, em 1805, não lhe deixara alternativa que não fosse procurar atingir a potência inimiga por meios indiretos. Lembrou-se de decretar o Bloqueio Continental – todos os navios britânicos ou transportando mercadorias provenientes do Império Britânico ficavam impedidos de encostar em portos do continente.

D. João VI, o regente português (a sua mãe, D. Maria, sofria de uma doença mental), ficou de mãos atadas. Se não cumprisse a ordem napoleónica, a França invadiria Portugal. Se a cumprisse, incompatibilizar-se-ia com a aliada In-

glaterra, imprescindível à sobrevivência de Portugal – basta recordar que a esquadra britânica poderia inclusive impedir o acesso naval português ao fundamental Brasil e às restantes colónias.

Desesperado, o governo de D. João acabou por dizer que sim aos franceses sem impedir os navios ingleses de atracarem nos nossos portos. Napoleão decidiu então que Portugal fosse invadido por um exército comandado por Andoche Junot, que pouco antes fora embaixador imperial em Lisboa.

Pelo Tratado de Fontainebleau, o imperador francês decretou ainda que, depois de conquistado, o nosso país fosse dividido em três partes. O Entre Douro e Minho seria oferecida ao rei da Etrúria (o pequeno soberano de um estado fantoche por ele criado na Itália). O Alentejo e o Algarve seriam entregues ao governante espanhol Manuel Godoy,

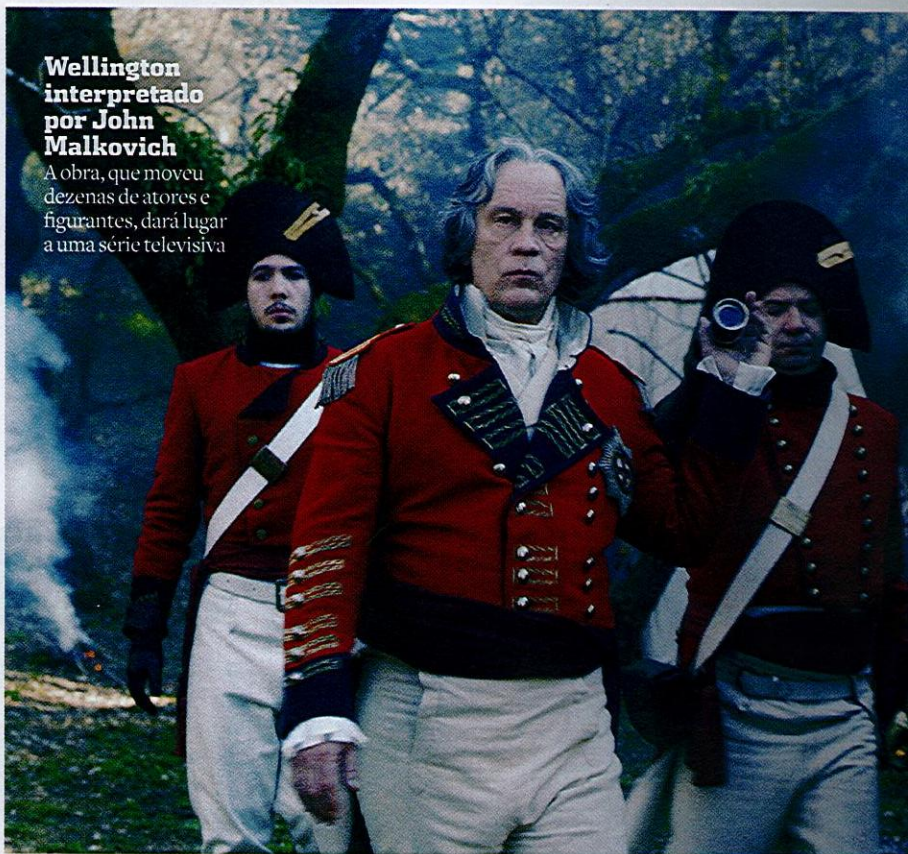
valido do rei Carlos IV e amante da rainha. O destino do Trás-os-Montes, das Beiras, da Estremadura e do Ribatejo, com Lisboa à cabeça, ficaria em suspenso até à conclusão de um tratado de paz.

Os franceses em Portugal

E eis que, no tempestuoso mês de novembro de 1807, os cerca de 28 mil soldados franceses do exército invasor arrastavam-se à chuva pelas péssimas estradas portuguesas, com as botas rotas, vergando ao peso das espingardas molhadas. Seria fácil derrotá-los, mas não havia «vontade política» para isso. Tinham entrado em Portugal pela Beira Baixa e caminhavam em marchas forçadas na direção de Lisboa. Era preciso andar depressa, pois corria que o regente português se dispunha a embarcar com toda a corte para o Brasil, transferindo para a colónia a sede do governo e inviabilizando a deposição.

Wellington interpretado por John Malkovich

A obra, que moveu dezenas de atores e figurantes, dará lugar a uma série televisiva



Sargento português
Nuno Lopes



Prostituta
Soraia Chaves



Fidalga espanhola
Marisa Paredes



Duque de Wellington
John Malkovich



Marisa Paredes, Soraia Chaves e Elsa Zylberstein

O papel das mulheres na época conturbada das Invasões Francesas

E quando a vanguarda dos esfarrapados franceses chegou a Lisboa foi para ver as velas dos navios ingleses que levavam a corte a afastarem-se ao longe. Assim nasceu a expressão «ficar a ver navios». Mas mesmo sem conseguir obter a deposição da casa reinante em Portugal, Junot instalou-se na nossa capital «à grande e à francesa», como ainda hoje se diz. «Lisboa, não sejas francesa», cantar-se-ia cem anos depois numa opereta evocativa que Amália recriou já nos nossos dias. Meses depois principiou a resistência popular, alimentada por padres (vê-se isso no filme) e ideologicamente conservadora.

Foi então que a Inglaterra decidiu fazer de Portugal testa de ponte para atacar Napoleão, e no verão seguinte – de 1808 – fez desembarcar em Lavos, junto à foz do Mondego, um exército comandado por Arthur Wellesley, futuro duque de Wellington. Aqui temos portanto o Wellington que está no título do filme, e de quem o ator John Malkovich veste a pele. Dali avançaram os ingleses para sul, rufando os tambores sem perderem de vista o oceano, onde navegava uma esquadra de Sua Majestade. A eles se juntaram as tropas portuguesas de Bernardim Freire de Andrade. E foi este exército misto que venceu as forças francesas partidas de Lisboa ao seu encontro, primeiro na

batalha da Roliça e depois na do Vimeiro, maior e ainda mais sangrenta. Em resultado do desfecho, Junot viu-se forçado por Wellington a assinar no Palácio de Seteais, em 30 de agosto, a chamada Convenção de Sintra, assunto em que os portugueses não foram vistos nem achados. Pelos termos estipulados, tiveram a regressar a França, mas o «cavalheiresco» Wellington ofereceu-lhes transporte marítimo para lhes poupar os pés e deixou-os levar de Portugal o produto dos seus inúmeros saques.

Não tardaria, porém, que os franceses voltassem à carga. Aconteceria isso em março de 1809. A segunda invasão, comandada por Nicolas Soult, entrou por Chaves depois de ter sido repelida na fronteira do rio Minho e avançou em direção ao Porto. Os solares eram assaltados, as culturas pilhadas, as mulheres violadas. O povo conservador mas patriota pegava em foices e sacholas e lutava como podia contra «os jacobinos». Quando o general Bernardim Freire preconizou a retirada estratégica para o Porto foi chacinado pela população enfurecida.

Chegadas à «capital do Norte», a 27 de março, as tropas napoleónicas carregaram à baioneta sobre os civis que tentavam atravessar em massa o Douro para a banda de Gaia. Mas a estrutura da ►



**Tenente português
Carloto Cotta**



**General
Barão de Marbot
Mathieu Amalric**



**Abade
Albano Jerónimo**



**Suíço apoiante
de Napoleão
Michel Piccoli**

► Ponte das Barcas, inaugurada três anos antes, não suportou o peso da avalanche humana, e quebrou-se. Morreram 4 mil pessoas. Naquele tempo ninguém sabia nadar. A célebre cantora lírica Luísa Todi, que se encontrava a atuar na cidade, escapou por um triz.

Dois meses depois, a 12 de maio, os franceses seriam de novo derrotados pelas tropas anglo-lusas comandadas pelo nosso velho conhecido Wellington e forçados a retirar pela fronteira de Montalegre. Acabava a segunda Invasão Francesa, mas a terceira seria a maior.

Os dias do filme

Entramos assim diretamente no tema de *As Linhas de Wellington*. O marechal André Masséna, que entrara em julho de 1810 pela Beira Alta à frente de 65 mil homens com 114 canhões e, depois do combate do Coa, capturara a praça-forte de Almeida, chegou em setembro à zona do Buçaco.

Ali, nas encostas da serra, era aguardado por um exército anglo-luso de mais de 52 mil homens, quase metade portugueses – os castanhos que vemos no filme, enquanto os ingleses eram os encarnados. A 27 desse mês travou-se a batalha, que durou das 8 da manhã às 4 da tarde. A vitória coube aos aliados, mas isso não impediu o avanço de Masséna para Coimbra, levando os 61 mil sobreviventes do seu exército a contornar a serra por oeste.

Wellington viu-se assim forçado a ordenar a imediata retirada dos anglo-lusos para as Linhas de Torres Vedras, obra defensiva de que se falará um pouco adiante. Coimbra, como se vê na fita, foi saqueada pela soldadesca invasora. Wellington decretou política de terra queimada, para que os franceses encontrassem dificuldades de abastecimento. Quer para fugir das tropas invasoras, quer da fome, a população do Centro do País pôs-se em marcha para a capital. É esta caminhada que serve de pano de fundo ao filme.



Jemima West O elenco do filme – uma coprodução luso-francesa – é composto por atores portugueses, franceses, ingleses, espanhóis, polacos e americanos. Todos os idiomas se cruzam

Os trabalhos das Linhas de Torres, da iniciativa de Wellington e feitos em segredo, tinham demorado um ano. E quando o exército de Masséna chegou, em outubro, à Estremadura, deparou com um sistema defensivo cuja existência desconhecia. A espionagem funcionava mal naquele tempo de comunicações difíceis.

Após um ataque frustrado na zona de Sobral de Monte Agraço e da tentativa falhada de levar a cabo uma guerra de posições, Masséna retrocedeu para Santarém e ordenou, já em 1811, a retirada. A política de terra queimada dificultava seriamente a sobrevivência das tropas napoleónicas. No total, perderam a vida de fome e de doença 25 mil invasores e 50 mil portugueses, na maioria camponeses.

Um mundo novo

Se, durante as Guerras Napoleónicas, muitos portugueses combateram debaixo da bandeira francesa (vemos no filme alguns «arrepentidos»), a maioria optou por alinhar com os tradicionais aliados ingleses. Depois de travarem batalhas vitoriosas como as da Roliça, do Vimeiro ou do Buçaco, os soldados portugueses defenderam as Linhas de Torres e seguiram o duque de Wellington através da Espanha, na perseguição dos franceses. A vitória aliada na batalha de Toulouse, em 10 de abril de 1814, constituiu uma

machadada para Napoleão, já em queda.

A 11 de Abril de 1814 Bonaparte abdicou do título de imperador e partiu para o exílio na ilha de Elba, onde se manteria durante cerca de um ano, até forçar o regresso a França e governar durante os chamados «Cem Dias», cujo epílogo seria a derrota definitiva em Waterloo, em junho de 1815, às mãos do «eterno» Wellington, e o exílio final em Santa Helena.

Quanto ao povo português, ainda que repartido e mergulhado numa guerra cruel, contactara com as ideias novas de «Liberdade, Igualdade, Fraternidade» que vinham de França com os exércitos napoleónicos. Em 1820 uma revolução levaria à elaboração da primeira constituição da nossa História. Mas os absolutistas contra-atacariam, e só ao fim de uma nova guerra, esta fratricida, as ideias liberais haveriam de triunfar. O regime parlamentar, com partidos e eleições, haveria de se cimentar em 1832, para ser interrompido muito mais tarde durante 48 anos (entre 1926 e 1974) pela Ditadura Militar e o Estado Novo. Será este sistema ideal? A História, protagonizada pelas massas, não para de gerar alternativas...

Mas, por paradoxal que seja, a caminhada principiou quando o furacão napoleónico se abateu sobre a Europa. *As Linhas de Wellington* representa um capítulo dessa epopeia. ▣



Mulher do suíço
Catherine Deneuve



Amiga do casal
Isabelle Huppert



Mulher de oficial inglês
Chiara Mastroianni



Oficial português
Paulo Pires